

A GESTÃO DO ESPAÇO FÍSICO ESCOLAR: UM DESAFIO SOCIAL ¹

Eloisa Helena da Rosa²
Joscey Bassetto Galera³

RESUMO

O artigo analisa a concepção de espaço físico escolar na visão de 06 gestores de escolas públicas estaduais do município de Colombo e também reflete o porquê este tema é tão pouco discutido nas práticas pedagógicas. Os elementos de pesquisa são contribuição de estudos que trazem uma noção de espaço escolar vista através dos múltiplos olhares e abordados nas diferentes áreas do saber. A metodologia destaca um conjunto de experiências pedagógicas realizadas com 04 escolas e seus gestores, escolhidas a partir de uma amostragem intencional, por critério sócio-geográfico, tendo como colaboradores, professores, alunos e conselho escolar. Para coleta e sistematização de dados, além da observação da estrutura e organização dos colégios, foi realizada entrevista com os gestores e posterior formação de grupo de estudos. Para ampliar o material de pesquisa, alunos desenvolveram uma atividade com desenhos representativos do ideal espaço físico escolar e a comunidade participou de um encontro, onde o foco foi observar os conceitos pré-existentes e como lidam com a questão do espaço físico escolar. Estas práticas apontaram para um grande desconhecimento do tema e uma lacuna entre o ser e o tornar-se coletivo. Como principais resultados referentes à pesquisa com os gestores mostraram que concebem o espaço escolar como um desafio e constante busca do ideal da sua identidade, autonomia e cooperação, caminham com experiências do dia-a-dia e com recursos e suporte limitados.

Palavras-chave: Espaço físico escolar. Gestor escolar. Transformação.

1. INTRODUÇÃO

Numa era de tanto avanço tecnológico e da informação nos perguntamos: Como a escola sobrevive sem a transformação do seu modelo conservador estrutural, disciplinar, arquitetônico e de distribuição do poder? A resposta sem dúvida é que, também existe um modelo e mecanismo político que sustenta a reprodução e a mantém na dominação.

Mas mesmo assim fica a interrogação e como a parte pedagógica dá conta pensando na de ontem ou de um século, pois pouco tenho a diferenciá-la, portanto, é preciso buscar elementos que justifiquem o *mesmo*: corredor, carteiras, pinturas, filas, autoritarismo, para que possamos avançar na qualificação educativa.

1 O presente estudo é resultado do Projeto de Intervenção pedagógica "A gestão do Espaço Físico Escolar," feito no Col. João Ribeiro de Camargo, "Colombo-PR- apoio do Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE/SEED/SETI

2 Professora da Rede Estadual de Ensino (Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná). Graduado pela Universidade Estadual de Blumenau-SC FURB . Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

3 Professora da UTFPR/ Curitiba. Dra. Em Educação, área de Políticas Educacionais e Gestão. Orientadora PDE – deste trabalho

Como gestora e pesquisadora deste trabalho pude constatar que muito se tem avançado nos estudos e ações acerca dos desafios educacionais contemporâneos, mas poucos remetem a reflexão do papel pedagógico do espaço físico escolar e sua transformação por aqueles que o constroem e ocupam.

O espaço da escola permanece assim, com um fim em si só, muitos por ela passam, mas poucos delas se apropriam. Esta relação de submissão e disciplina são apontadas por Michel Foucault no sentido da docilização dos corpos no espaço e no tempo, onde mesma disciplina e controle imposto que delimita e proíbe, produz também um determinado tipo de sociedade, que por sua vez constituem-se em uma teia de interesses e poder.

Neste sentido, a estrutura e transformação pedagógica escolar ficam enfraquecidas e perdemos o que de mais precioso poderíamos ter na educação, a criação e o sentimento de pertencer. Deste modo, não fica difícil entender porque os alunos picham, quebram e não deixam nas escolas sua marca positiva. (FOUCAULT 1987)

Neste desenho político e contraditório funcionam os colégios, abordam um discurso que converge para um modelo de escola pública de ambiente educativo, de promoção humana e gestão democrática, mas atuam com modelos formais conservadores e autoritários, portanto, para agir produtivamente contra tal concepção este estudo remete a reflexão do papel social da escola e dos caminhos que percorrem na perspectiva da construção e ocupação dos seus espaços e nesta travessia busca encontrar tudo aquilo que não se quer *ser* ou *ver* no ambiente pedagógico.

A contribuição deste estudo levará a pensar e compreender o espaço escolar com outros modos de existir e propor uma nova concepção histórico-social da espacialidade, onde o mundo, o espaço e o ser humano tornem-se inerentes à práxis pedagógica, reduzindo a distância entre discurso daqueles que constroem as escolas e aqueles que a ocupam.

Também, neste contexto torna-se relevante valorizar o papel do gestor como parte deste processo, por ser ele considerado o maior responsável por acertos ou erros na constituição da estrutura física e pedagógica do espaço escolar e portanto testemunha concreta da busca permanente para superação dos desafios da organização desta espacialidade.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. ESPACIALIDADE COMPREENDIDA NA CULTURA ESCOLAR

O espaço escolar educa, pois a relação entre usuários e espaço físico vai além do formal, nele estão representado sua dimensão simbólica e pedagógica e através da sua arquitetura podemos ler e interpretar a História da Educação e que ao mesmo tempo podemos ler a própria história dos poderes.

A este espaço que comunica, mostra a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo, que varia em cada cultura e que é um produto cultural específico, não só das relações interpessoais, mas também dos ritos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos, à sua hierarquia e relações". (FRAGO;ESCOLANO,1998,pg.64)

Portanto, o conceito de cultura escolar aparece sempre relacionado com um espaço, que por sua natureza, destina-se a transmissão dos conhecimentos e valores de um determinado tempo, assim, refletir esta cultura e sua produção no ambiente pedagógico é uma necessidade e um avanço. Contudo, não seja este o foco deste estudo muito menos um conceito simples de se abordar uma breve discussão sobre suas representações: como se forma, o seu papel social e qual a relevância na formação dos espaços físicos, será fundamental.

A cultura por sua própria natureza é resultado da interferência do humano no mundo e que por intermédio desta ação transformadora consciente, altera a realidade de modo a moldá-la às suas necessidades, reinventando o ambiente humano, esta lógica das transformações e produção do conhecimento que também se aplica na visão da cultura escolar é definida por Julia (2001) como:

O conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos...que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 10-11)

Este conjunto de normas que determinam a ocupação e construção dos espaços escolares, deveriam existir como forças para possibilitar ao ser humano o acesso ao conhecimento e informações necessárias para produção destes novos

espaços e produção da sua própria cultura escolar.

Esta cultura que comunica com seus ocupantes e se articula em torno do conhecimento e saberes deveria também garantir espaços de diálogo para valorizar pluralidade cultural e reconhecer os sujeitos nela inseridos.

Para constatar esta relação de comunicação, conversei com todos os seguimentos da escola: gestores, professores, alunos e Conselho Escolar em momentos distintos, para perceber qual era a dimensão de entendimento destes ocupantes, sobre a cultura escolar e suas representações.

O que pude perceber é que, reconhecem a escola como um espaço educativo e acreditam nesta relação com o conhecimento e com a socialização e assim constituído, buscam a valorização da cultura escolar, contudo, mesmo partindo desta consciência, reconhecem também que a escola não oferece condições de discussão para questões inerentes as transformações necessárias do espaço, não se abrem aos assuntos do interesse coletivo e não é um local interessante e prazeroso ao aluno.

Snyders (1988) em seu livro “Alegria na escola” procura responder a uma indagação acerca da relação dos alunos com a escola. Por que cultura escolar lhes dá pouca satisfação? A partir deste questionamento procura sondar, a cultura escolar, a própria cultura dos alunos e depois a escola para tentar entender como pode conduzir todos à satisfação escolar no tempo e espaço presente. A escola desmorona-se se não consegue convencer que vai conduzir os alunos a um tipo de satisfação, e ao não encontrarem desestimulam-se ao estudo, portanto a escola não pode continuar sendo um remédio amargo que precisa ser engolido por eles agora, afim de garantir um efeito indeterminado, (SNYDERS, 1998, p.12)

2.2. DO ESPAÇO PERCEBIDO AO ESPAÇO VIVIDO

“*Era uma casa muito engraçada, não tinha teto não tinha nada...*”, através destes versos, Vinícius de Moraes encontrou a forma ideal para retratar a transformação e significação do espaço, na obra *Casapueblo*³, arte esta, chamada por seu idealizador de organismo vivo e obra eternamente inacabada, onde qualquer pessoa que por ela passe ou dela se aproprie, construirá um conceito.

Será que a escola também não deveria ser assim, capaz de fazer com que aqueles que por ela passem e dela se apropriem, possam considerá-la uma obra

eternamente inacabada e o caminho para a vida? Para, Didonet (2002) o espaço da escola não é apenas um território, que guarda alunos, livros, professores, mas é um lugar de aprendizagem, há uma docência neste espaço, ele caminha com a dinâmica social: gera ideias, sentimentos, busca o conhecimento, além de ser alegre, aprazível e confortável.

Bencostta (2005) ao falar da observação da escola como espaço sócio-cultural e sua organização dos espaços, deixa claro na reflexão sobre a escola transformada que, as edificações compõem significados múltiplos na investigação sobre a cultura escolar e coloca que estudo desta natureza pode surpreender, pois quando se pensa em achar o inusitado e o extraordinário, depara-se com o prosaico, os lugares comuns, quase sempre negligenciados por comporem a estrutura habitual de nossa percepção da realidade. É nesta direção que importa reconhecer o espaço físico, que embora por nós vivido e percebido, portanto, pareça-nos peculiar e nos leve muitas vezes a acostumar com ele, não podemos esquecer que se constitui por um processo de lutas daqueles que produziram a escola e por ela foram produzidas, e através deste modelo social do espaço escolar e arquitetônico, dialoga com o discurso da lógica desta organização e seus interesses.

Para Frago, (1998) “... todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isto não percebemos espaços senão lugares, isto é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações.”(VIÑAO FRAGO, 1998, p.105)

Para entender melhor este processo que nos limita a compreensão do que vemos e o que precisamos ver no espaço escolar, podemos pensar. Como se constroem as nossas escolas, em seus saberes, currículos, arquitetura, procedimentos didáticos pedagógicos, pelos fins da educação ou caminho da construção? E as mudanças nelas efetivas propõem a necessária melhoria da qualidade do ambiente educacional, preocupação tão constante dos gestores, educadores e sociedade ?

No meu percurso profissional pouca consciência e incentivo das políticas públicas tive para me inserir num contexto de reflexão mais amplo e dinâmico sobre a superação da visão rígida e formal na qual se instituiu construções escolares, mas também foi esta passagem que me permitiu perceber que todos devemos ser

partícipes deste processo, a começar por percebê-lo com uma consciência crítica e cidadã.

2.3 A DIMENSÃO DO CONHECIMENTO DO ESPAÇO ESCOLAR NA ESCOLA

Para entender melhor esta questão do espaço vivido e percebido, realizamos com os alunos das quatro escolas envolvidas uma atividade pedagógica, aonde o propósito foi observar através da representação de desenhos a percepção que os alunos traziam do ideal ambiente escolar e reconhecer neles os saberes atribuídos.

O resultado delineou-se nas considerações feitas por Bencostta, pois ao observar os desenhos encontramos não o inusitado como meio de transformação, mais a grande maioria dos participantes encontrou no prosaico e no comum sua forma de representação, sejam elas na sua geometria, organizações de móveis, carteiras, disposições de salas ou ambientes. Nas divisões de ambientes sempre seguiam o padrão retangular lado a lado, nas salas quadro negro à frente e carteiras enfileiradas, a sala da direção de forma imponente colocada próxima da secretaria, quase nunca lembravam-se da biblioteca, mas quase todos colocaram umas canchas poliesportivas, alguns chegaram a retratar a escola como uma canha. Outro fator a considerar é que de forma geral as escolas não tinham fachada, muito menos uma comunicação com o seu mundo exterior e seus ocupantes.

É importante enfatizar que embora a realidade comum entre os alunos das quatro escolas pude observar que uma delas, que possuía um espaço desprivilegiado perante as outras pelo seu desnível de terreno e pouca área externa, seus alunos ao retratar sua utopia, projetaram um ambiente um pouco diferenciado, com praça, flores, pista de atletismo, contudo não saíram da visão geométrica e seriada da escola tradicional.

Apenas alguns poucos desenhos mostraram uma opinião mais ampla sobre os saberes na escola e sua comunicação, física, social, ambiental, mas em especial um desenho me chamou a atenção, retratou o ideal da arquitetura escolar de forma circular, no centro parecia estar o coração da escola: biblioteca, espaço arte, social e das tecnologias, e fazendo uma comunicação à esta a parte o esporte e contato com a natureza, direção e secretaria faziam comunicação tanto com a comunidade como com os alunos.

Como se pode observar através desta descrições, que recoloca a cada

instante a reprodução do velho e a possibilidade de construção do novo, ainda existe uma forte dificuldade dos movimentos pedagógicos em fazer a ruptura das ideias pedagógicas trazidas historicamente, haja vista que, por mais que motivássemos os alunos para pensar e representar de forma diferente, continuaram pensando igual, vendo igual e sem perceber que a materialidade, os objetos e seus usos, constituíam-se num território demarcado de limites e segmentação em função dos devidos usos, como se tudo fosse criado para existir ali e daquela forma.

Esta alienação que leva a não perceber o espaço escolar criticamente, portanto, pensado, desenhado, construído e utilizado para o seu exclusivo fim, descaracteriza a instituição educacional como promotora de cultura, trazendo propostas e tentativas de negação da escola como lugar ou espaço escolar. Viñao Frago, (2001, p. 69).

2.4. A RACIONALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: LIMITES REAIS

O desafio de levar os sujeitos a tornar-se parte da produção pedagógica, individual e social e resgatar a dimensão pedagógica do espaço social escolar, significa compreendê-lo por sua natureza política e pedagógica.

De acordo com pensamento de Cortella as representações do espaço escolar estão permeadas por duas ordens “os **produtos materiais** (as coisas) que estão impregnados de idealidade e os **produtos ideais** (as ideias) que estão entranhadas de materialidade, esta treliça de elementos: físico, humano e ambiental ao serem interpretados passam a ter um significado maior, o qual chamamos “conhecimento”. (CORTELLA 2004, pg. 44).

Esta bagagem pedagógico-cultural quando construída num processo interação e na intensificação das relações, de forma crítica e participativa, acabam por determinar as mudanças e geram a riqueza necessária ao trabalho pedagógico.

Na verdade este modelo de prática social pedagógica é considerado um avanço para a transformação do espaço escolar, mas, mesmo ao tempo nos deixa uma pergunta. Em que medida as condições sociais, políticas e econômicas, deliberadas às escolas e seus líderes, permitem esta transformação social com a devida autonomia?

Na ótica dos pesquisadores, este processo de relações interdependentes e de construção coletiva, ainda é uma limitação educacional e apontam para a missão

da gestão escolar como conciliadora deste desafio e deixa clara a necessidade de superação da visão fragmentada das demandas burocráticas e pedagógicas.

Sabe-se que o gestor é cada vez mais possuidor de tarefas complexas e que em seu cotidiano passa por diferentes gestões: do espaço, dos aspectos legais, dos recursos financeiros, da interação com a comunidade, Secretaria de Educação e das relações interpessoais. A grande maioria das ações são conduzidas por critérios objetivos e técnicos próprios das políticas públicas, da escola e sua gestão, a qual desenvolve um processo pedagógico fragmentado na estrutura e organização do espaço escolar.

Esta fragmentação que limita o avanço pedagógico dos espaços e tempos escolares por não entendê-lo na sua totalidade, é superada segundo Nietzsche, pela desconstrução deste pensamento racionalista que separa sujeito e objeto, pois no seu entendimento a espacialidade é parte de um todo: sujeito, objeto, razão, instinto, interior e exterior. Para ele o mundo se constrói e torna-se o que é por forças, que a chama de "*Vontade de Potencia*", este pensamento que conduz a educação para numa nova possibilidade, leva a compreender o humano, o espaço e suas íntimas relações, tendo como finalidade construir caminhos que não necessariamente sejam caminhos a ser percorrido por todos. (NIETZSCHE,1999,1999 in LOPES; CLARETO, 2007)

Como se pode observar, esta orientação deixa clara a diretriz da escola em termos dos objetivos e da concepção significativa do espaço escolar e elementos delimitadores e potencializadores das dinâmicas que se estabelecem nos espaços.

Para analisar este aspecto racionalista no cotidiano do espaço escolar, perguntamos aos gestores como eles percebem estas evidências no cotidiano pedagógico e ocupação dos espaços, e as respostas apontaram uma preocupação diante da contradição existente entre o fim social da escola e como os seus ocupantes a percebem:

Ao mesmo tempo em que se busca um ensino de qualidade, cria-se uma visão negativa em torno da escola, ou seja, a mesma escola aparece como um espaço interessante para se conviver e frequentar, torna-se demasiado enfadonho para estudar. Os alunos ficam alegres ao adentrar no espaço escolar e ao mesmo tempo reclamam de permanecer quatro horas numa sala, portanto há de se refletir e repensar a função social da escola e sua capacidade de atingir interesses coletivos, transmitir conhecimento e transformar os comportamento que intimamente desejamos superar. (texto elaborado pelos gestores da prática pedagógica)

Esta colaboração significativa mostra que os gestores percebem que estes *lugares* são determinados e também determinam os modos de ensino e aprendizagem, e que portanto “*o espaço e o tempo escolares não só conformam o clima e a cultura das instituições educativas, mas também educam*”. Frago (2000)

Mas agora encontramos uma dificuldade maior que é reconhecer a realidade com a qual o gestor organiza os meios e recursos que possibilitam a transformação deste ambiente

2.5 A DEMOCRATIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR : UMA DISCUSSÃO URGENTE.

As questões aqui discutidas trazem evidências da importância do gestor para transformação do espaço físico escolar, por ser ele sujeito histórico desta práxis e líder desta ação coletiva, cooperativa e transformadora.

Segundo pensamentos de alguns autores como: (PARO, 2005; LÜCK, 2008), sua trajetória na concepção pedagógica atual, representa a possibilidade de articular reflexões para soluções de problemas sociais presentes na escola, sejam eles: material, institucional, político-social ou ideológico, este discurso de democratização é também defendida na visão freiriana no sentido da dimensão do espaço escolar e suas relações, quando aponta a necessidade de uma reordenação social como pode ser percebido em suas palavras:

Estamos convencidos de que, qualquer esforço de educação popular (...) deve ter (...) um objetivo fundamental: através da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade que estão. (FREIRE, 1979,p.33 in LOPES,2007,p.86)

A este discurso freiriano, pensado no papel do gestor e sua responsabilidade social, ele aborda um novo significado de espacialidade pedagógica e das relações que ali se estabelecem, portanto, precisamos discernir onde estamos nós escola pública e seus ocupantes neste âmbito político-social.

Segundo, LOPES (2007) as escolas públicas apresentam-se cada vez mais sem infra-estrutura e as ações políticas e medidas tomadas de decisão pelo poder público para sua manutenção, construção e conservação, cada vez mais dependem de subsídios do Estado para o capital privado manter sua própria escola, Organizações não Governamentais ou comunitárias, que retiram do estado o peso

da educação.

Como se pode perceber a proposta democratização para a organização do espaço escolar, não pode ser pensada sem levar em conta esta realidade e as reformas educacionais por ela imposta, pois tais fatores promovem cada vez mais atos de segregação da sociedade e orientam para uma educação com base nos interesses do regime vigente.

Neste sentido, os 06 gestores envolvidos nesta discussão pedagógica, fizeram um análise crítica destes problemas sociais que limitam seu trabalho. Vejam o que dizem:

As políticas públicas devem ir de encontro aos reais interesses sócio-educacionais para minimizar as desigualdades sociais, o consumo de um ensino de massa, superando a lógica do mercado. Embora, saibamos da falta de interesse da comunidade escolar pelo bem coletivo, a não-integração da escola e de seus gestores com os demais segmentos que compõe a sociedade, a família e o Estado, sendo apontado sempre como “culpados” dos problemas que a escola enfrenta, faz-se necessário lutar para superar a lógica do capital. (texto dos gestores)

No mesmo contexto, ao fazer referência sobre o espaço físico escolar na perspectiva politico-educacional, os gestores colocam que:

O gestor e as políticas públicas são elos fundamentais na construção e na transformação dos ambientes escolares, as condições físicas dos espaços escolares e a infra-estrutura adequada contribuem para melhoramento significativo da qualidade educacional, porém, temos a consciência de que os espaços escolares no decorrer da história externam e explicitam os poderes econômicos-político-social vigentes. (texto dos gestores)

Assim para uma sociedade que sempre viu seus prédios escolares uma forma de manutenção dos seus interesse políticos e econômicos a opinião dos gestores acima, mostra que entendem esta questão, quando apontam que por trás da aparente neutralidade das edificações e suas localizações, se erguem territórios de interesses o qual se dimensionam num espaço de poder, coerção e ideal democrático.

Apesar de perceber um forte apelo nas afirmações dos gestores, sabemos que isto só não basta, precisa-se contudo buscar a reflexão coletiva, ações colaborativas, que inibam nos ambientes escolares a manutenção de estruturas fixas, hierarquizadas e da aceitabilidade de que se educa independente do lugar e

das suas condições

2.6. O GESTOR E A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA TRANSFORMADA.

Outro aspecto importante do espaço físico é reconhecer a importância da formação do gestor para administrar esta obra eternamente inacabada, portanto, perceber como atua o gestor na sua função principal no âmbito da escola, responsabilidade democrática e pedagógica.

Uma observação no cotidiano das nossas instituições, revela a ausência de formação do gestor, que traz como único suporte para exercício de sua função os procedimentos culturais de gestões preexistentes e que em sua grande maioria encontra-se impregnada por uma ideologia, onde os esforços pela democratização deste espaço escolar é compelido pela sociedade e fica assim como interesses único de uma classe dominante que é o Estado. Nesta perspectiva, o gestor atua na organização do espaço escolar, apesar dos esforços, acaba por executar normas de uma cultura instaurada e seguindo modelos instituídos.

Esta questão ao ser discutida com os gestores na prática pedagógica, os mesmos consideram exagero ou pessimismo dizer que nada mudou, houve avanço, não continuamos tão somente com o nosso velho quadro e o giz, mesmo assim, reconhecem a deficiência das políticas públicas educacionais e os entraves na autonomia “concedida” e a dualidade (o administrativo e o pedagógico) enfrentada pelos gestores, que dificulta a tomada de decisão e ações concretas, caminham com um modelo de gestão que prioriza a burocracia. Também dizem que a comunidade escolar vê a *pessoa* do diretor como o último e único responsável das ações, sejam elas positivas ou negativas, bem como colocam a escola como a instância salvadora dos problemas sociais.

Esta percepção dos gestores quanto a estrutura educacional, sempre muito questionada nas literaturas, do caráter formalista, burocrático e centralista do poder e da autoridade na escola pública, que mantém o *mesmo* através de nova roupagem, propõe ao gestor, seus ocupantes e poder público a necessidade de considerações quanto a transformação social do ambiente escolar, mas o que se observa é a falta de preocupação com esta problemática social do contexto pedagógico, que leva a categoria dos gestores a aceitar algumas destas questões como natural, portanto, permanecem na mesma estrutura organizacional e a cada

dia aplicando maiores esforços.

2.7 A INOVAÇÃO, UM PROJETO COLETIVO

Para investigar as questões relacionadas aos conhecimentos e seus reais interesses adquiridos ao longo dos 04 meses de estudo, junto aos gestores, alunos, professores e Conselho Escolar, desenvolvemos um encontro coletivo, o qual chamamos de IPAE- Inovações Pedagógicas para Arquitetura Escolar e através deste evento, realizamos dentro da proposta metodológica do *diálogo apreciativo*, discussões que tiveram como meta levar a uma visão mais inovadora e pedagógica do espaço escolar vivido.

Esta etapa do estudo apesar das dificuldades, foi bem sucedida, contou com a presença de 70 pessoas entre elas representantes do Núcleo Área Norte, membros da Prefeitura de Colombo, mas não teve representações de instituições religiosas, comércio e associações que foram convidados.

O objetivo do encontro foi fazê-los não só perceber a realidade vivida e a política social nela inserida, mas sentirem-se parte desta história e assim capazes de pensar uma utopia para estes espaços e possibilidades de mudanças.

Contudo o início do trabalho foi difícil, partimos de uma realidade desmotivada e descrentes destas mudanças e em especial os professores atribuíam a tal discussão como mais uma tarefa de trabalho e não a viram como possibilidade de melhoria social, portanto, do seu próprio trabalho.

Esta realidade caótica e sem vida se fez clara ao ler algumas das considerações do espaço escolar, como esta por exemplo: "locais, repartições destinadas a atividades de ensino aprendizagem, biblioteca, sala de aula quadra". (Prof.^a de Língua Portuguesa 24 anos de profissão).

Contudo, o processo como um todo levou-os a fazer uma viagem ao passado e uma análise do presente, para daí então em grupo discutir o que era a necessidade da escola pública hoje para os ambientes escolares. E ao simbolizarem este entendimento, o grupo desenhou uma flor como sua utopia, colocando no miolo a seguintes palavras, *o querer do grupo*, e em suas pétalas, estava escrito: este espaço deve: atender as necessidade da comunidade, ter uma relação social, efetivação do projeto no coletivo, partir da realidade e ser vontade política.

Neste sentido, agora motivados puderam pensar simples mais reais projetos,

como: arrumar a biblioteca, mudar disposições dos móveis, plantar árvores, melhorar a comunicação, ver alternativas sustentáveis, criar espaços para brincar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi verificar qual a concepção de espaço físico escolar de gestores de 04 escolas estaduais do município de Colombo e alguns de seus alunos, professores e Conselhos Escolares. Para investigar essa questão vários aspectos do espaço escolar foram tratados e analisados através de estudos, entrevistas e propostas pedagógicas. As evidências mostraram que os 06 gestores e outros envolvidos neste prática pedagógica, tinham reais interesses de mudança na prática pedagógica, mas apresentaram um grande desconhecimento de uma visão mais subjetiva e crítica deste espaço, das leis que lhes garantem melhorias ambientais, das possibilidades técnicas e pedagógicas de reorganização dos ambientes e as possíveis articulações político-sociais.

Na discussões proposta através grupo de estudo, os gestores definiram o espaço escolar como todo espaço que há na escola. Acreditam que a sua organização e melhorias na infra-estrutura quando bem utilizada podem melhorar a aprendizagem, e que devemos pensar novas formas de trabalhar nossos conteúdos que não somente em sala de aula, mas variando a organização, as filas, as regras e a fragmentação presente na cultura escolar, mas infelizmente ninguém expressou que o espaço escolar extrapola os muros da escola.

Contudo, apesar de todo este ímpeto dos gestores se percebeu nestas escolas um querer um tanto solitário, que evidencia a falta da participação da sociedade, família e Estado no processo da construção de espaços escolares educativos. Há também que repensar, a necessidade de formação qualificada e específica de diretor para a tarefa de *gestor pedagógico do espaço escolar*, pois hoje exercem suas funções extrapolando esforços, para minimizar a precariedade das edificações escolares públicos e dar conta das exigências burocráticas a ele imposta, tudo isto com recursos limitados e uma pseudo autonomia.

Esta palavra espaço físico precisa ser intrínseca ao saber escolar, neste sentido é preciso que se rompam algumas compreensões equivocadas, para que não permaneçamos discursando numa dimensão social e democrática e construindo

prédios escolares numa dimensão racional, formal e institucionalizada.

Com isto não quero dizer que o único responsável por esta escola transformada é o poder público, pois sei o quanto o trabalho deve ser coletivo, mas sim enfatizar que é preciso ao se pensar os espaços escolares, seus objetos e sua localização, os arquitetos, engenheiros, equipes técnico-administrativa, secretarias, iniciativas privadas, devem conversar com os pais, professores e os gestores destas escolas, principais interessados na transformação e ressignificação do espaço físico escolar, para que ao sentirem-se pertencentes à esta construção social, possam daí sim nas mãos do gestor, este ser o elo que envolve a comunidade na tarefa de manutenção e conservação, fazendo deste patrimônio uma responsabilidade coletiva e individual.

4 .REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS

BENCOSTTA, M. L. A. in BENCOSTTA, (org) **Arquitetura e espaço escolar**, o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928), São Paulo: Cortez, 2005, p 108.

CORTELLA , **Escola e o Conhecimento**, fundamentos epistemológicos e políticos, 8 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 44

DAYRELL, J. T **a Escola como espaço-cultural**: artigo - Belo Horizonte, 1996.

DIDONET, Vital, 2002, **texto programa Salto para o Futuro, Escola do sonho á realidade, Padrões mínimos de qualidade do ambiente escolar**.
<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/eqq/eqqtxt3.htm> acesso em 23/06/2008

FREIRE. P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1987.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

LUCK, Heloisa . **A gestão participativa na escola** Petrópolis,RJ: Vozes,2008

NIETZSCHE,1999,1999 in LOPES; CLARETO, 2007 organizadores, **Espaço e educação: travessias eatravessamentos**, Araraquara SP: Junquiera&Marin, 2007, p.7,9, 44,46.

PARO, Henrique Vitor. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 3ª ed. São: Editora Ática, 2005 p., 11- 25.

SNYDERS, G. **A Alegria na Escola**. São Paulo: Manole, 1998, p 12.

VIÑAO, Antonio A. in BENCOSTTA, (org) **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**, cap. I, espaços usos e funções São Paulo: Cortez, 2005, p 10

_____ VIÑAO-FRAGO, A., ESCOLANO, A., (1998). *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro:DP&A. Tradução de Alfredo Veiga-Neto.

